

DA GAZETA DE CAMPINAS PARA A LITERATURA: UMA REVISÃO CRÍTICO TEXTUAL DAS PRIMEIRAS CRÔNICAS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Viviane Arena Figueiredo (Instituto de Letras/UFF)

Resumo: Este artigo pretende fazer uma revisão crítico textual das primeiras crônicas produzidas pela escritora Júlia Lopes de Almeida, pela Gazeta de Campinas de 1881 a 1884. A partir de material coletado do espólio familiar da autora foi feita a observação de várias emendas nos manuscritos que, mais tarde, encontram-se publicadas em dois livros de contos publicados pela autora: *Contos infantis* (1886) e *Traços e iluminuras* (1887).

Palavras-chave: Edição crítica; manuscritos; literatura de autoria feminina; crônicas.

Escrever é traduzir o nosso sentimento através de nossas percepções mais profundas sobre o mundo que nos cerca. Cada vez que colocamos no papel um pensamento, emitindo opiniões e posicionamentos, nós deixamos registrada a nossa marca, a nossa história e a nossa existência. Talvez seja por esse motivo que fazer e produzir Literatura seja um grande ato de resistência, pois mais do que deixar salvaguardadas nossas observações, ela se recusa a ser apagada pelo dueto espaço-tempo.

Por este mesmo caminho encontra-se bem demarcado o papel da Crítica Textual para a preservação da Literatura dentro do contexto sócio histórico no qual uma obra foi produzida. Na verdade, mais uma vez, nos deparamos com a problemática envolvendo as questões do tempo, sempre relacionado com lacunas existentes na intercessão passado-presente. A tarefa do crítico textual não se resume apenas a trazer um texto à tona, mas, sim, fazer com que os ruídos históricos que, por ventura, tenham modificado um determinado conteúdo, sejam minimizadas, ou mesmo, eliminadas.

Sendo assim, ao buscar o trabalho de um autor através de suas fontes fidedignas, levando em consideração o registro autoral de sua obra, o crítico textual não só vai rememorar o passado no qual o autor construiu a sua produção literária, mas vai novamente lhe dar voz dentro do contexto espaço temporal de sua criação.

Ao falarmos de resistência, nos cabe aqui fazer menção à Literatura de autoria feminina e suas conquistas dentro do universo literário. Em um movimento que, por anos, fora liderado por homens, a mulher foi tomando o seu espaço, colocando em voga seus pensamentos, opiniões, percepções, influenciando e deixando a sua marca em um

mundo que sempre a delegou tarefas de segundo plano, de modo a silenciá-las, mantendo-as na invisibilidade.

É, pois, respeitando a memória da literatura de autoria feminina no Brasil que trazemos neste artigo a imagem da autora Júlia Lopes de Almeida, procurando focar em parte de sua obra ainda desconhecida do público leitor. Neste caso, é preciso ter em mente que a própria Júlia, mesmo tendo produzido de forma contínua por mais de quatro séculos, sofreu um apagamento do cânone após a sua morte em 1934. Apesar do esforço familiar para que seu nome continuasse figurando entre os grandes romancistas da Literatura, Júlia Lopes só volta a ser reconhecida na década de noventa, a partir do esforço de pesquisadores ligados à área de Literatura de autoria feminina. Ainda assim, seu nome ainda carece do verdadeiro reconhecimento, visto que mesmo nos cursos de Letras do país, sua obra ainda não aparece como objeto de estudo presente nas ementas pertencentes à Literatura Brasileira.

Sendo assim, nesta introdução, nos propusemos também a falar sobre a vida desta grande romancista, que tanto atuou em nosso país, não só em prol do desenvolvimento da Literatura, mas também pela educação das crianças. A jovem que, timidamente, fazia versos às escondidas de seus familiares, tornou-se uma escritora premiada e reconhecida, também responsável pela criação da Academia Brasileira de Letras. Mesmo não integrando o corpo de escritores desta instituição, pelo fato de ser mulher, Júlia Lopes manteve-se fiel à Literatura, dando continuidade à sua produção literária, mostrando através desse comportamento um ato de resistência frente aos preceitos misóginos de sua época.

Quando da data de seu falecimento, aos setenta anos, em 1934, Júlia Lopes de Almeida havia deixado um complexo acervo literário nos quais se encontravam: onze romances, quatro novelas (reunidas no livro *A isca*), cinco coletâneas de contos, duas peças de teatro (*A herança* e *Teatro*), três coletâneas de crônicas, cinco ensaios/conferências.

Como já mencionado anteriormente, os estudos de sua obra se tornaram bastantes frequentes a partir da década de noventa. Diversas pesquisas ligadas a pós-graduações procuraram estudar a obra de Júlia Lopes de Almeida sob várias óticas e temáticas. Tais estudos focaram-se, primordialmente, na produção romanesca da autora, e isto fica bem claro quando a Editora Mulheres, pertencente à EDUNISC, da Universidade Federal de

Santa Catarina, passa a focar o seu trabalho de resgate à autora, através da edição dos romances produzidos por ela.

Porém, ainda existe um grande acervo a ser editado para que a obra de Júlia Lopes de Almeida seja conhecida em sua plenitude. Nos últimos anos, pesquisadores vem centrando seu objeto de atenção para o conteúdo disponível tanto na produção dramaturgica, quanto nas crônicas divulgadas em vários jornais da época. A fim de exemplificar tal fato, podemos mencionar as pesquisas publicadas em *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*, organizado por Anna Faedrich, Angela Di Stasio e Marcus Venicio T. Ribeiro e *A (in)visibilidade de um legado – seleta de textos dramaturgicos inéditos de Júlia Lopes de Almeida*, organizado por Michele Asmar Fanini, ambos datados de 2016.

Sendo assim, seguindo este caminho, procuramos trazer ao conhecimento do público, parte da obra que consideramos ainda desconhecida àqueles que pretendem estudar mais criticamente a obra de Júlia Lopes de Almeida. Neste novo projeto, procuramos nos concentrar na edição das crônicas produzidas na Gazeta de Campinas, textos de uma autora ainda jovem, que se engrandecem em importância quando observamos que estes textos iniciais foram o estopim do sucesso e do reconhecimento de Júlia Lopes.

O legado de Júlia Lopes de Almeida: caminhos de pesquisa

Júlia viveu uma época na qual não se dava voz às mulheres. No final do século XIX, quando a autora começou a produzir seus textos, o papel feminino dentro do núcleo social era relegado a um plano secundário. Não existiam direitos, não existiam escolhas, ou mesmo regalias. Das mulheres era esperado que cuidassem de seu lar, zelasse por seu marido e filhos, de forma a preservar a imagem e unidade de sua família.

Ao estudar a obra de Júlia Lopes de Almeida, mergulhamos nesse mundo no qual a mulher era vista como um ser objetificado pela sociedade. Em suas obras, a autora traça um perfil histórico do comportamento feminino no entre séculos, criando personagens que refletem, discutem e tentam reverter o quadro em que se encontram, denunciando o padrão feminino exigido pela sociedade.

De certa forma, acredito que mesmo sendo uma escritora bastante respeitada em sua época, seus textos causavam certa comoção, pois lidavam com comportamentos já arraigados em nosso núcleo social, alguns, até hoje, resistentes a mudanças.

Nas pesquisas sobre sua produção literária encontramos certa dificuldade em termos acesso às primeiras edições de suas obras. Apesar de parte de seus romances terem sido reeditados pela Editora Mulheres (EDUNISC), enquanto pesquisadores da área de Filologia, precisávamos ter acesso ao registro autoral, pois este, quase sempre, nos transmite informações relevantes sobre a construção e preocupação literária da autora em relação ao seu texto.

Pode-se dizer que as primeiras investigações acerca do acervo literário de Júlia Lopes de Almeida iniciaram-se através do próprio eixo geográfico no qual a autora construiu a sua produção. Ao estudar a sua biografia, percebemos que Júlia escrevera para jornais e folhetins do eixo Rio-São Paulo, fato que também confirma a sua residência em ambos os estados. Este fato em muito facilitou a pesquisa acadêmica aqui descrita, pois foram em bibliotecas destas duas localidades do Brasil que conseguimos os textos autorais de Júlia.

Outro fato que muito ajudou a entender a obra de Júlia Lopes de Almeida foram os artigos recentes acerca do registro literário da autora. Diversos trabalhos acadêmicos versando sobre temáticas produzidas em seus textos nos encaminharam para uma observação mais apurada sobre como e onde encontrar obras de fontes realmente fidedignas.

Finalmente, cabe aqui um agradecimento especial a Cláudio Lopes de Almeida, neto da escritora, que, entendendo a importância de nossa pesquisa, nos abriu o acervo familiar, no qual pudemos ter contato com notas, manuscritos, jornais contendo os primeiros textos de Júlia, enfim, um material grandioso que merece ser generosamente estudado e publicado, não somente para auxiliar os pesquisadores que se dedicam a estudar a obra da autora, mas também para que este, futuramente, possam render frutos em edições inéditas, que possam dar conta da totalidade da produção de Júlia Lopes de Almeida.

Porém, como foi dito anteriormente, por mais que tenhamos conseguido este belíssimo material em mãos, as pesquisas acerca da obra da autora ainda são muito difíceis. Muitas hipóteses surgem em relação a esta situação, mas, a mais recorrente

entre os pesquisadores é justamente a alegação de que Júlia fora esquecida do cânone literário. Este é um fato que ainda nos intriga, visto que ela produziu por mais de quatro séculos e de forma notadamente reconhecida por crítica e público da época. Acredita-se que por Júlia ser mulher e ter escrito no entre séculos, a sua imagem realmente tenha sido apagada da memória literária, visto que após a sua morte, em 1934, o intervalo de reedição de suas obras foi ficando cada vez maior, muitas vezes também porque o próprio mercado editorial não tinha interesse em reeditar as obras da autora, pois esta não se encaixava nos padrões delimitados pelo Modernismo. Sendo assim, quanto maior esta intercessão temporal, maior dificuldade em encontrar seus escritos, visto que estes sumiam das estantes das livrarias, sem receber renovações através de reedições que pudessem manter o seu nome no mercado.

Outro ponto que também nos chama a atenção é o fato de que apenas os romances de Júlia Lopes de Almeida foram escolhidos para reedições recentes. Somente em 2013, *Ânsia eterna*, segundo livro de contos produzido pela autora foi editado pela Editora Mulheres. Porém, sobre este trabalho cabe fazer uma ressalva em relação à sua edição, visto que ele não foi baseado no texto autoral produzido pela autora; ele segue fielmente a edição de 1938, lançada pela A Noite, quatro anos após a morte de Júlia. Soa-nos estranho não ser mencionada a primeira edição, datada de 1903, nem as notáveis modificações que podem ser observadas entre os dois exemplares.

Sobre este ocorrido vale fazer uma observação sobre a carência de metodologia crítico-textual na reedição das obras de Júlia Lopes de Almeida. Não só *Ânsia eterna* foi baseada em uma edição não autoral, mas, também outras obras, como o romance *A falência*, teve como texto base a edição produzida em 1978, pela HUCITEC, portanto, um texto também de origem não autoral e que, de certa forma, deve ter a sua origem questionada.

Sendo assim, o prosseguimento desta pesquisa nos serve para trazer à tona a autenticidade da produção autógrafa de Júlia Lopes de Almeida, textos que, em sua diferença, possam mostrar as diversas nuances da escrita da autora, a construção de suas ideias e a diversidade da sua produção, que merece ser reconhecida não só em sua forma original, mas, primordialmente, mantendo a sua integridade.

Da Gazeta de Campinas para o mundo

Pouco se conhece sobre Júlia Lopes de Almeida em nosso país. Apesar das últimas pesquisas sobre sua vida e obra tenham feito com que fosse um pouco mais reconhecida no meio acadêmico recentemente, algumas lacunas sobre a sua experiência literária precisam ainda ser preenchidas através de pesquisas que deem conta não somente do cenário artístico presenciado pela escritora, mas também de todo um fluxo contínuo de sua obra, interligando fatos sociais, históricos, ideologias, imagens, construção de personagens e impacto junto ao público leitor.

Por tal motivo, essa pesquisa procura delinear justamente o início da carreira de Júlia Lopes de Almeida, visto que muitos pesquisadores não possuem acesso ao material por ela produzido nesta época. Na verdade, uma edição que viesse a dar visibilidade a esses escritos contribuiria não apenas para conhecer o seu efeito de produção enquanto jovem, mas também levaria a uma comparação crítica literária entre essas crônicas e a sua produção posterior, no sentido de avaliar a sua evolução enquanto escritora e observadora dos costumes do país.

Partindo desse pensamento, direcionamos nosso foco às crônicas publicadas por Júlia Lopes de Almeida na Gazeta de Campinas, primeiro periódico no qual a escritora foi designada como colaboradora e que, de certa forma, alavancou sua carreira literária, fazendo com que começasse a ser conhecida e, merecidamente, respeitada posteriormente pelos grandes nomes da literatura e do jornalismo da época.

Sobre a Gazeta de Campinas vale ressaltar alguns aspectos de bastante relevância para se conhecer a importância desse periódico tanto na divulgação jornalística, quanto na contribuição e propagação da arte literária da época. Lançado em 31 de outubro de 1869, tinha como redatores Campos Salles e Quirino dos Santos, além de contarem com o apoio de outros intelectuais da época, tais quais Francisco Gliceno, Herculano de Freitas, Julio Mesquita, Carlos Ferreira. Sendo voltado para a ideologia republicana que, nesta época, começava a se infiltrar como uma necessidade para os rumos do país, Gazeta de Campinas pregava o jornalismo isento, mas militava em prol da prosperidade da cidade que, nesta época, chegou a ser mais populosa que a cidade de São Paulo.

Quer dizer que não podia ser ilusória a confiança que depositamos sempre no futuro esta boa terra em que se abrem já agora todos os caminhos que levam a civilização, pois que é das feições da presente que se tira a craveira por onde se hão de moldar os dias porvindoros.
(SANTOS, 1869, p. 1 - Gazeta de Campinas)

Em relação à Júlia Lopes de Almeida e sua ligação com a cidade em questão, sabe-se muito pouco ainda. Sua família, apesar de gerenciar o Colégio Humanidades, situado à Rua do Lavradio, no Rio de Janeiro, acabou por mudar-se para Campinas, provavelmente, por razões laborais de seu pai, um conceituado médico no eixo Rio-São Paulo. Aliás, vale lembrar que a família de Júlia pode ser considerada como um meio de grande influência para que esta se tornasse escritora. Além do pai, médico, sua mãe era musicista e, sua irmã mais velha, Adelina Lopes Vieira, era professora, sendo a responsável pela alfabetização, estudos e educação da escritora.

Devido ao grande respeito direcionado ao Dr. Valentim, pai de Júlia Lopes de Almeida, ele foi convidado como um dos colaboradores de artigos publicados em Gazeta de Campinas. As publicações versavam sobre pontos diversos, indo desde Ciências Médicas, até crítica sobre artes e questões gerais envolvendo o cotidiano da cidade e do país.

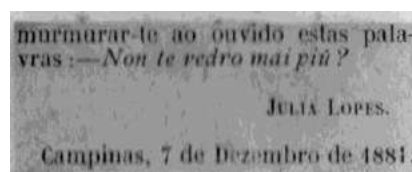
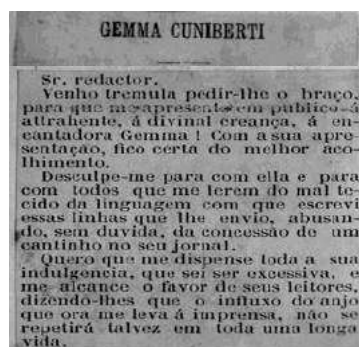
Júlia cresceu acompanhando o desenvolvimento intelectual de sua família, e isto, de certa maneira, a incentivou a aventurar-se pelo mundo das Letras. Porém, como fiel observadora dos costumes femininos de sua época, a autora sabia que este caminho era vetado à maioria das mulheres e, por isso, durante um bom tempo de sua vida, ela manteve os seus escritos em segredo, longe das especulações curiosas de terceiros.

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas...

Um dia, porém, eu estava muito entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando senti por trás de mim uma voz alegre: — Peguei-te, menina! Estremeci, pus as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possível. Minha irmã, adejando triunfalmente a folha e rindo a perder, bradava: — Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá! (RIO, 1905, p. 7)

Do medo à descoberta, Júlia começou a escrever na Gazeta de Campinas de forma bastante inusitada. Seu pai, ao saber sobre sua vocação literária, gentilmente, pediu-lhe que produzisse um artigo em seu nome, visto que ele não teria tempo suficiente de os compor. A princípio, a publicação teria como redação final o nome de Dr. Valentim; porém, qual foi a surpresa quando Júlia se deparou com a sua assinatura impressa ao final da coluna publicada pelo periódico.

Sendo assim, em 7 de dezembro de 1881, com o artigo denominado Gemma Cuninberti, Júlia se insere definitivamente no mundo jornalístico e literário. Com características discursivas de uma crítica teatral, Júlia discorre sobre a pequena atriz italiana com detalhes generosos, resumidos em metáforas simbólicas, que se tornaram bem características ao longo de sua obra. Logo abaixo encontra-se parte de sua primeira crônica.



Após o sucesso empreendido na crônica Gemma Cuninberti, Júlia Lopes de Almeida tornou-se colaboradora efetiva do periódico, contribuindo com publicações que datam de 1881 a 1884, somando um total de quarenta e três crônicas, todas catalogadas pelo acervo familiar da escritora.

Sendo assim, no final de 1884, Júlia Lopes já se faz reconhecida no cenário literário, preocupando-se não só em escrever suas crônicas, mas também trabalhando nos dois primeiros romances de sua carreira: *Memórias de Martha* e *A família Medeiros*. Vale lembrar que neste mesmo intervalo, a autora também colaborou na elaboração do livro *Contos infantis*, lançado em 1886, em comunhão com sua irmã Adelina Lopes Vieira.

Um toque de Júlia: observando as modificações textuais

Os estudos acerca da obra literária deixada por Júlia Lopes de Almeida nos remetem a uma infinita possibilidade de considerações sobre assuntos de natureza diversa pautados nas narrativas da autora. Além de poder ser inserido dentro do escopo de pesquisa denominado Literatura de autoria feminina, encontramos, ainda, dentro de sua obra, um material valioso para o estudo de História, Sociologia, Antropologia que pairavam na geração entre séculos.

Seguindo os estudos de Crítica textual, procuramos nos aprofundar na reedição da parte da obra de Júlia Lopes de Almeida desconhecida, ou mesmo, não acessível ao público leitor. Como já citado na introdução deste trabalho, a maior parte das reedições da obra da escritora centram-se em seus romances, percebendo ainda uma carência da metodologia crítico textual que desse conta da infinidade de relações que são construídas ao correr de suas publicações.

Para tal, decidimos por plano piloto partirmos para a reedição de seus contos, não somente por apresentarem outro viés de escrita proposto pela autora, mas, principalmente, a fim de mostrarmos a facilidade com que a autora lidava com diversos gêneros textuais, determinando, assim, uma característica de obra multifacetada.

No primeiro momento de nossa pesquisa, procuramos nos ater à reedição de *Ânsia eterna*, livro de contos datado de 1903. Após uma severa observação sobre suas edições posteriores, aliada ainda ao acervo familiar, nos colocamos a comparar as edições de 1903 (autoral e autógrafa) e a de 1938 (póstuma), questionando as modificações ocorridas nesta última edição, publicada pela editora A Noite. Sendo tais mudanças bem aparentes e marcantes, nos dispomos a trazer a tona àquela que consideramos a mais próxima do original, ou seja, a publicada em 1903, quando a autora teve efetivamente a oportunidade de acompanhar a publicação de seu livro. Essa pesquisa rendeu elementos para a conclusão da tese de doutorado “Resgatando a memória literária: uma edição de *Ânsia eterna* de Júlia Lopes de Almeida”, defendida em março de 2014.

Ainda durante os estudos de doutorado, outras pesquisas sobre uma possível reedição dos contos de Júlia Lopes de Almeida se fazia cada vez mais necessária, visto a abrangência de temáticas abordadas pela autora nesses livros isolados. Nesta mesma época, deparamo-nos com *Histórias da nossa terra*, lançado primeiramente em 1907, recebendo um total de vinte e uma edições. Em relação a esta publicação pudemos observar algumas modificações textuais e, até mesmo, iconográficas, visto que os contos dialogam com imagens que se inserem no corpo do texto. Como todas as edições de *Histórias da nossa terra* foram de origem autoral, conseguimos perceber o apuro da autora quanto a questões relativas à valorização de seu texto. Vale, aqui, dizer que essa pesquisa ainda encontra-se em andamento, devido à quantidade de edições a serem reunidas e investigadas.

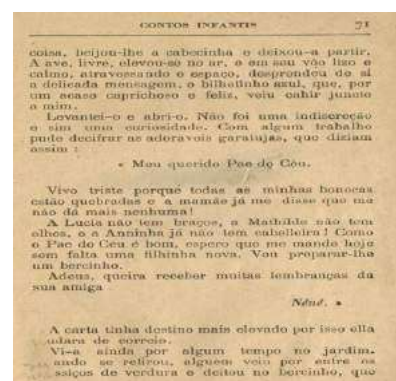
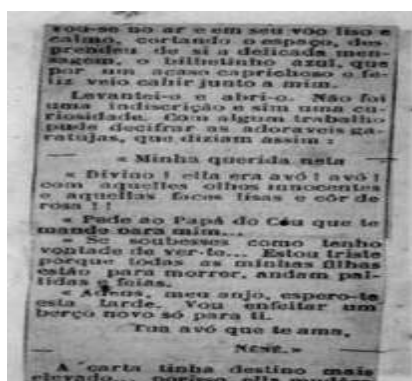
Finalmente, em um terceiro plano de pesquisa, voltamos os nossos esforços para a produção das crônicas de Júlia Lopes de Almeida. Com o intento de complementar outras pesquisas que abordam esse gênero literário, tal qual *Dois dedos de prosa*, investigação citada na introdução desse artigo, cremos que reeditar as narrativas expostas em *Gazeta de Campinas* possam abrir um leque não só em relação aos estudos pertencentes à crítica literária, como também na área de Crítica textual, pois em diversos manuscritos encontrados no acervo familiar de Júlia Lopes de Almeida, conseguimos observar modificações que foram impetradas pela autora e, que com o avanço de nossas pesquisas, acabaram nos levando a composição de contos que, ora aparecem em *Contos infantis* (1886), ora aparecem em *Traços e iluminuras* (1887).

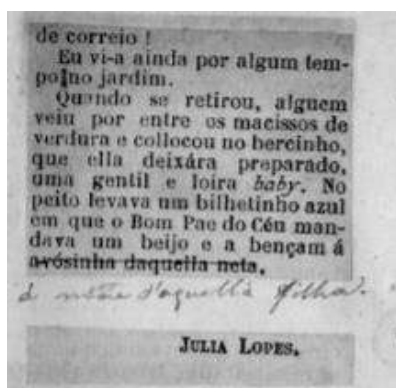
Em um primeiro momento, conseguimos perceber modificações nos seguintes textos publicados em *Gazeta de Campinas*: A costureira, Saudade, História de um leque, A avozinha, Um brinde, Um idyllio, Rabugice, Miss Wilkens, O calvário (a uma infeliz), Tia Angelica e Pierrette. Destes textos modificados de forma manuscrita conseguimos encontrar a sua reedição posterior tanto em *Contos infantis*, quanto em *Traços e iluminuras*, ou seja, as crônicas da *Gazeta de Campinas* podem ser consideradas a gênese para outros contos publicados a posteriori pela autora.

Dentre as narrativas citadas encontramos modificações significativas em A avozinha, que em *Contos infantis* aparece com o título de O correio, corrigido de forma manuscrita pela autora, como se pode notar na imagem inserida a seguir:



Há de se perceber também que este texto sofre total modificação em seus parágrafos finais, fato que pode ser observado quando comparamos a crônica publicada pelo jornal e o conto que aparece neste livro:





Nesse mesmo livro há de se mencionar a crônica O berço, que apesar de não possuir alterações em seu conteúdo quando de sua publicação em *Contos infantis*, sofreu modificações na sua estrutura interna, principalmente na disposição dos parágrafos.

Já em *Traços e iluminuras* nos deparamos com a modificação do conto História de um leque que, nesta obra apresenta o título Memórias de um leque. Quanto a esta obra encontramos modificações nos textos Miss Wilkens, Tia Angelica e Pierrette, todos ainda em comparação para a finalização de nossos estudos.

Dentre os outros textos citados, ainda nos dispomos à investigação de uma possível reedição em algum livro de contos que tenha sido publicado pela autora. Assim como Júlia modificou o título de A avozinha para O correio, há, sim, a possibilidade que estes textos assinalados com modificações manuscritas pela autora possam constituir a gênese de outros contos que tenham sido publicados posteriormente.

Considerações finais

Pesquisar sobre Júlia Lopes de Almeida é ter a certeza que nunca chegaremos efetivamente ao fim da linha. Na verdade, é pela diversidade de temáticas produzidas pela autora que se concentram os vieses de muitas observações seja através do critério crítico literário, seja dentro dos estudos filológicos que possam dar conta da reedição de sua obra.

A escolha pelos contos e pelas crônicas caracteriza-se como um ciclo; um estado no qual várias narrativas possam estar interligadas pela pluralidade de temas presentes em seu conteúdo, caracterizando Júlia como uma autora de integridade e domínio textuais incontestáveis.

Desta última pesquisa, muito tem-se ainda a descobrir, pois vários podem ser os desdobramentos das modificações realizadas nessas crônicas. Estamos, ainda, juntando as peças de um quebra cabeças que, de certa forma, já possui algumas peças montadas, mas que ainda nos remete a tentar e reconfigurar possibilidades que possam atestar o apuro de Júlia Lopes de Almeida em relação a sua criação.

Há de se concluir, por fim, que não só cabe neste trabalho uma reedição das crônicas publicadas na Gazeta de Campinas, como também sentimos a necessidade de reeditarmos os livros nos quais tais crônicas acabam por sofrer modificações autorais: *Contos infantis* e *Traços iluminuras*. Ao optarmos pela produção de uma edição crítica dessas duas obras, em comparação com a gênese de parte desses textos, acabamos por ter como objetivo apresentar a totalidade da obra desta autora, tornando acessíveis não só aos pesquisadores, mas também ao público leitor, de forma geral, de modo que a divulgação do nome de Júlia Lopes de Almeida não caia no esquecimento, que a deixou fora do cânone durante tantas décadas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Júlia Lopes de; Vieira, Adelina Lopes. *Contos infantis*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira, 1886.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Traços e iluminuras*. Lisboa: Typographia Castro&irmão, 1887.

RIO, João do. “Um lar de artistas”. In: *O momento literário*. 1905.

SANTOS, Francisco Quirino dos. Editorial da Gazeta de Campinas. 1º de outubro de 1869. In: http://memoria.bn.br/pdf/091995/per091995_1869_00001.pdf . Consulta realizada em 13 de janeiro de 2018.